

O inconsciente coletivo e a física contemporânea
The collective unconscious and contemporary physics
El inconsciente colectivo y la física contemporânea

Recebido: 14/11/2019 | Revisado: 19/11/2019 | Aceito: 22/11/2019 | Publicado: 25/11/2019

Paulo Maurício Reis Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6044-8999>

Universidade Santa Ursula

E-mail: paulorribeiro@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta o conceito de inconsciente coletivo postulado pelo Dr. Carl Gustav Jung e alguns conceitos da física contemporânea que culminaram com a idéia da elaboração de uma Teoria de Tudo (TdT). Pretende iniciar uma discussão sobre a semelhança desses conceitos e propõe a continuidade da discussão visando maior esclarecimento teórico do assunto e da possibilidade da inclusão de experimentos para verificação empírica. Esse artigo foi elaborado a partir de consulta bibliográfica e informações transmitidas nas aulas do curso de pós- graduação *latu senso* em psicologia analítica na Universidade Santa Ursula.

Palavras-chave: Jung, Einstein; Quântica; Cosmos; Individuação.

Abstract

This paper presents the concept of the collective unconscious postulated by Dr. Carl Gustav Jung and some concepts of contemporary physics that culminated with the idea of elaborating a Theory of Everything (ToE). It intends to start a discussion about the similarity of these concepts and proposes the continuation of the discussion aiming at a better theoretical clarification of the subject and the possibility of including experiments for empirical verification. This article was elaborated from bibliographic consultation and information transmitted in the *Latu Sense* postgraduate course in analytical psychology at Santa Ursula University.

Keywords: Jung, Einstein; Quantum; Cosmos; Individuation.

Resumen

Este artículo presenta el concepto del inconsciente colectivo postulado por el Dr. Carl Gustav Jung y algunos conceptos de la física contemporánea que culminaron con la idea de elaborar una Teoría del Todo (ToT). Tiene la intención de comenzar una discusión sobre la similitud de estos conceptos y propone la continuación de la discusión con el objetivo de una mejor aclaración teórica del tema y la posibilidad de incluir experimentos para la verificación empírica. Este artículo fue elaborado a partir de la consulta bibliográfica y la información transmitida en el curso de posgrado *Latu Sense* en psicología analítica en la Universidad de Santa Ursula.

Palabras clave: Jung; Einstein; Cuántico; Cosmos; Individuación.

1. Introdução

O conceito de inconsciente coletivo - (“Eu não sei dizer[...]”)

O Dr. C. G Jung apresentou seu conceito de Inconsciente coletivo (ICC), dentre outros textos de sua autoria no capítulo II do volume 9/1 de suas obras completas. Trata-se da transcrição de uma conferência pronunciada em 1936, no hospital São Bartolomeu, em Londres.

Em sua definição afirma que os conteúdos do inconsciente coletivo não podem ser adquiridos individualmente uma vez que nunca estiveram na consciência sendo constituído essencialmente por **arquétipos** que devem sua existência apenas a **hereditariedade**.

Jung explica que denomina arquétipo aquilo que a mitologia se refere como **motivos** ou **temas** e que estão presentes em todos os lugares e tempos. Sua tese é que existe um segundo sistema psíquico, de caráter coletivo, não pessoal e que não se desenvolve individualmente, é **herdado** e constituído de formas preexistentes, arquetípicas, que só podem se tornar conscientes secundariamente. Jung desenvolve o conceito afirmando que o ICC não se trata de uma questão especulativa ou filosófica, mas sim de uma questão empírica. Para Jung existem tantos arquétipos quantas situações típicas na vida que por intermináveis repetições determinaram tipos de estruturas vazias, características de cada uma dessas situações repetitivas, padrões estruturados, formas sem conteúdo. Essas estruturas, inatas, são como possibilidades a serem preenchidas por determinado tipo de conteúdo, qualquer informação, percepção ou ação, que se encaixe por semelhança estrutural. Esses objetos encaixados, elementos da consciência desorganizados que se reestruturam na presença do arquétipo, formam uma estrutura secundária, o **complexo**, como a peça de um quebra-cabeças que encontra seu lugar, único no tabuleiro.

Como poderíamos construir inúmeros quebra-cabeças imprimindo sobre diferentes imagens um mesmo conjunto de “espaços” padronizados, estruturas disponíveis ao preenchimento por conteúdos situacionais; uma matriz arquetípica.

Dessa forma as imagens revelam a estrutura que as organizam, como num percepto a imagem pode ser fechada, complementada, estruturada pelo observador, assim também as imagens no inconsciente podem ser reveladas como coletivas pela ação estruturante do arquétipo, pela modelagem de uma forma completamente desconhecida pelo observador (aquele que relata a experiência).

Os delírios, fantasias, sonhos assim como nas fantasias que surgem pelo uso da técnica da imaginação ativa, são o material rico a ser contemplado, quadro a quadro pelo sujeito, verificando a importância no contexto da experiência. Jung, dessa maneira, apresenta sua abordagem empírica na investigação das manifestações do ICC.

Entendemos assim que os conteúdos do ICC são tipos arcaicos, primordiais, universais e Jung concorda com Irineu ao citá-lo, quando se refere à origem da criação como tendo sido a partir de arquétipos já existentes (C. G. Jung, O.C., vol. IX/1, §5). E a ciência? Pode enriquecer nosso entendimento sobre a hereditariedade (afirmada por Jung e argumentada com Irineu dentre outros)? E sobre sua fonte primordial, a gênese da matriz, o Criador? A resposta estaria na teoria do big-bang? O que nos diz a física contemporânea?

Precisamos assinalar que o acesso e divulgação do conhecimento científico que estava a disposição de Jung em seu tempo era muito rudimentar em comparação aos recursos contemporâneos e entender que o desenvolvimento do pensamento científico que surgiu na mesma época das ideias de Jung, provocaram uma revolução nos paradigmas da física, um frenesi de ideias e uma nova visão de mundo que nos invade pela mídia e a tecnologia hoje disponíveis. Entretanto, com a colaboração do atual pensamento científico podemos compreender que o ICC é inato? Reconhecemos que a herança como forma de transmissão por disponibilização no tempo da matriz arquetípica do ICC e sua condição cosmológica e cosmogênica, conforme proposta por Jung, se assemelha a ideia central de uma teoria de tudo (TdT), o conceito do “Campo A” na física.

Uma teoria de tudo, TdT - (“[...]o que quer dizer[...]”)

Em 1905 o Dr. Albert Einstein publica sua Teoria da Relatividade, dando origem ao extraordinário movimento científico que capturou os pensadores da Física desde então, revolucionando a visão de mundo estabelecida no século XIX e percorrendo todo o século XX

envolvendo físicos, filósofos, psicólogos, teólogos, do mundo oriental e ocidental, numa corrida em direção a nova cosmologia que se desenvolve no início desse século XXI, revolucionando os paradigmas estabelecidos no pensamento científico e filosófico, conversando com a espiritualidade e a arte.

O Dr. Ervin Laszlo, autor já duas vezes indicado ao prêmio Nobel da paz, fundador do clube de Budapeste, escreveu mais de 80 livros, dentre eles **CosMos**, onde apresenta com objetividade e simplicidade o percurso do pensamento na Física, desde Einsten até nossos dias, com o advento da Física Quântica e a busca por uma Teoria de Tudo, que possa ser aplicada igualmente ao macrocosmo e ao microcosmo, tanto na física das moléculas subatômicas quanto na cosmologia da vastidão sideral. Apresento aqui, sucintamente, algumas das considerações apresentadas pelo Dr. Ervin em sua obra **CosMos**.

A ciência contemporânea e a sabedoria espiritual tradicional caminham juntas, construindo uma visão abrangente do Cosmos a partir da diversidade de formas de conhecimento. O universo é então considerado como uma rede de energia e informação interligada holograficamente. Atualmente o mundo está sendo considerado um mundo-totalidade (Whole-World), interconectado para além do espaço, do tempo, da matéria e da energia, por um campo primordial, arcaico, cosmogônico; um campo de informação sobre tudo e que a tudo toca, registra e abarca, um campo denominado **Campo A**. De fato a palavra Cosmos, de origem grega, significa “totalidade ordenada”. O campo que organiza o Cosmos, o Campo A, recebe esse nome em virtude do conceito sânscrito de Akasha que significa espaço que inclui tudo e que penetra tudo. Assim também o Campo A é o campo de informação holográfico, que relaciona tudo desde sempre.

O Dr. Ervin Laszlo nos relata que na noite de 14 de dezembro de 1900, Max Planck supôs que a energia é emitida em pacotes (quanta) e não de maneira contínua, como se pensava até então, e que só podem ter valores específicos. Assim surgiu a Teoria Quântica, pela observação de Planck sobre o calor radiante que larga amplitude de comprimentos de onda, passando pelas micro-ondas e para além das ondas de rádio. Planck descobre que essa radiação ao ser interceptada e observada apresenta atributos de partículas. A partir desse evento os desdobramentos experimentais levam ao “Princípio da Incerteza”, um atributo desse nível de realidade, o nível subatômico do universo, que só pode ser considerado como real segundo as probabilidades quânticas.

A partir do desenvolvimento da física quântica, Einstein percebeu uma consequência da teoria quântica no nível cosmogônico. O genial Dr. Albert Einstein, entendeu que se um par de partículas gêmeas fosse criado e posteriormente as partículas

fossem separadas, “independente da distância entre elas no espaço e no tempo, elas continuariam a se comportar como uma entidade única. E se os atributos de uma das partículas mudasse a sua partícula gêmea espelharia imediatamente essa mudança” (Laslo, pg. 23). Surgiu desse pensamento a idéia de entrelaçamento das partículas gêmeas.

Segundo o Dr. Ervin Laszlo, hoje já existem evidências científicas significativas e em número crescente de que nossa mente também está conectada numa base não local. Existem bases de dados sobre efeitos psíquicos, como conexão telepática e visão remota, que sustentam o vislumbre de que relações harmônicas permeiam o cosmos. A idéia do princípio holográfico como um meio para a informação se infundir no mundo manifesto apoia-se em processos que não são digitais, mas analógicos, e podem assumir uma enorme quantidade de valores do zero até o um. Dessa forma, o holograma em sua superfície bidimensional é capaz de codificar uma quantidade máxima de informação a fim de projetar o objeto holográfico no espaço tridimensional. Assim, uma grande quantidade de fótons distribuídos em muitos níveis vibratórios é capaz de ocupar exatamente o mesmo ponto do espaço-tempo. Para facilitar o entendimento, poderíamos pensar em planos paralelos empilhados, ou enfileirados, conforme a visualização.

Vemos que a conectividade não local se estende ao mundo macrocósmico, determinando um espaço de fase, campo do qual surge tudo que chamamos de realidade. Assim a física chega ao entendimento do funcionamento do campo A, “Akashico, que permeia tudo sendo o primeiro e mais fundamental dos elementos arquetípicos do mundo” (Laszlo, pg. 68).

É o campo dinâmico de toda a realidade, o registro de tudo o que existe, existiu e existirá. O grande útero cósmico da natureza, da manifestação de todos os fenômenos físicos, de como o universo é **in-formado**. O Dr. Ervin Laszlo afirma que o universo baseado num campo A, maximiza o fluxo de informação capacitando a consciência a explorar a si mesma – reflexão - em virtude do princípio holográfico e das leis físicas que incorporam harmonia e coerência.

2. Metodologia

Este artigo foi desenvolvido para apresentar a intenção de produção de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Pretende-se um estudo exploratório e descritivo de cunho qualitativo. Nesse momento encontra-se na etapa exploratória tendo sido feita a consulta em alguns capítulos das obras que constam nas referências bibliográficas para estruturar e entender as questões envolvidas. Também foram realizadas consultas de orientação com

professores de psicologia assim como informações recebido nas aulas do curso de pós-graduação lato senso em psicologia analítica na Universidade Santa Úrsula. Metodologias utilizadas nas práticas terapêuticas da psicologia analítica, no processo de individuação proposto por Jung, também serão utilizadas assim como algumas abordagens do processo meditativo/reflexivo, largamente utilizadas nas tradições orientais.

3.Considerações finais - “[...] O que vou dizer[...]”

Esse mesmo campo A foi entendido por C. G. Jung como o ICC - o conjunto das informações arquetípicas que a tudo permeia, é inato e é herdado. Os mesmos atributos essenciais, um único conceito, nomeados por diferentes pensadores dedicados a campos do conhecimento distintos, convergindo para um futuro de ideias integradas, um mesmo destino percorrido em caminhos vicinais.

Inato, por anteceder a todas as consciências em sua gênese, a origem cósmica universal registrada desde sempre e que em seu percurso pelos reinos da natureza nos alcança e instiga a ir a seu encontro, a refletir sobre tudo que nos é estranho, sobre as manifestações do inconsciente.

Herdado, portanto, por todos nós em diversos níveis, segundo cada “corpo” de nossa manifestação de vida, desde o microcosmo dos níveis subatômicos ao macrocosmo dos níveis mais elevados de nossa imaginação. Com essa informação, podemos ousar ampliar nosso entendimento levando nossas consciências a se redescobrir, na individuação e na expressão cósmica da alma, no eterno movimento da vida de expansão e recolhimento, respirando o todo. O entrelaçamento das partículas que se tornam individuais enquanto cosmicamente manifestadas em lugares e tempos, digamos paralelos ou alternativos, a cada instante e indefinidamente alimenta a idéia de uma expansão possível da consciência, ao nível de consciência cósmica.

E gostaria de desenvolver a idéia de que uma investigação empírica em nossa consciência, descobrindo e apresentando elementos de **complexos** estruturados pela interação com o ICC, pode ser realizada. Algumas técnicas já existem em práticas como no processo de individuação (prática terapêutica acompanhada), proposto por Jung, e no processo da meditação abordado em inúmeras tradições (práticas autônomas).

Em continuidade a esse artigo a discussão a respeito do ICC e do Campo A, será ampliada e melhor detalhada, visando compreender melhor a intersecção dos conceitos e a possibilidade de sua aplicação prática.

Parte desse estudo necessita investigação com seres humanos o que constitui uma limitação a ser considerada em relação ao prazo disponível para as etapas de produção do estudo. Já está em andamento a investigação para aprofundar o estudo na bibliografia utilizada bem como sua ampliação com contribuições para novos artigos. Abordagens futuras poderão incluir colaborações do campo da genética além do aprofundamento do estudo bibliográfico e das novas contribuições do desenvolvimento da ciência.

Referências

Jung, C. G., O. C. vol. IX/1 (2014). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (11a. Ed). Petrópolis, RJ: Vozes.

Laslo, Ervin, Currivan, Jude (2010). *CosMos:Unindo ciência e espiritualidade para um novo entendimento do universo e de nós mesmos*. São Paulo: Cultrix.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Paulo Maurício Reis Ribeiro – 100%